

Lua de Morango em Monsaraz

Concurso de contos de verão Monte da Pega

Autor: Ana Cunha Poh

Capítulo 1: Vida de Lisboa

Xana Poh e Judith Sayhed são duas estudantes de pós-graduação em Lisboa. Xana nasceu em Macau e reside mais frequentemente entre a Malásia e Singapura, onde trabalha como consultora de empreendedorismo na área do mar. É especialista em avaliação de projetos ligados à pesca, transformação de pescado, aquicultura e presta consultoria a empresas do setor do petróleo e gás, focada em projetos de conservação da fauna e flora marinha. Sempre que um projeto termina, Xana tira um tempo para se atualizar e opta por cursos de especialização em universidades portuguesas. Neste momento estuda Gestão do Mar na Universidade Católica. O que a atrai em Portugal é o clima, as pessoas, a gastronomia, o ambiente e a diversidade que o país oferece. Muitos chamam-lhe a "Califórnia da Europa". Xana é fascinada pelos vinhos portugueses, afirmando que só perdem em variedade para os vinhos da Geórgia (onde há mais de 300 tipos de vinhos, alguns ainda produzidos com técnicas romanas em vasilhas enterradas no solo). No entanto, se Portugal perde em variedade, compensa na qualidade. Para Xana, qualquer vinho branco português é um "refresco", e qualquer tinto é "paixão". Normalmente, quando sai à noite, especialmente ao pôr do sol, escolhe locais onde pode provar diferentes vinhos servidos a copo. Vai variando e conhecendo os melhores terraços de hotéis de Lisboa, com vistas deslumbrantes sobre a cidade. Costuma frequentar as esplanadas à beira do Tejo, em toda a linha até Cascais.

Xana opta pelo regime de ensino misto no curso de pós-graduação, assistindo às aulas online, que prefere ver na manhã seguinte, depois de uma sessão no ginásio que frequenta todos os dias às 8h, na Cidade Universitária.

No mesmo ginásio conheceu Judith, uma estudante de pós-graduação em Viticultura e Enologia no Instituto Superior de Agronomia (ISA). Judith é descendente de uma família de árabes que viveu em Portugal, na região de Leiria, e que agora produz vinhos no Líbano e na Jordânia, seguindo a tradição dos Nabateus, um antigo povo semítico que plantava vinhas na região entre a Síria e a Arábia, do Eufrates até ao Mar Vermelho. Judith quer melhorar a qualidade dos vinhos da sua família e abrir portas para a comercialização em mercados internacionais. Os seus vinhos, muito diferentes dos europeus e das novas regiões do mundo (Chile, África do Sul, Austrália), têm um sabor exótico, que mistura deserto e tâmaras, com um final que lembra vinho velho, mesmo sendo novo. O mercado para estes vinhos nos países árabes é limitado, mas são muito apreciados pela diáspora israelita, que, por vezes, tenta adquirir a vinícola da família, oferecendo generosas somas pelo néctar. A relação entre a família de Judith, que vive na Jordânia, e a comunidade israelita é cordial. O pai e os tios de Judith, por vezes, são chamados para negociações entre árabes e judeus, sempre que um

lado lança pedras e o outro responde com ataques mais sofisticados. O nome de Judith foi uma homenagem à amizade entre a sua família e a comunidade judaica, sendo alguns dos padrinhos figuras proeminentes da comunidade judaica de Amã.

Antes de partir para Portugal, foi dada pela família e amigos a missão de descobrir um segredo árabe, de um vinho que já no tempo do Al-Andaluz, unia Cristãos, Árabes, Judeus e outros, que, diziam as lendas, era um vinho que promovia a paz. Xana assim que soube da história de vida de Judith, e da sua missão em Portugal, transformou-a na sua melhor amiga.

Capítulo 2: Queima das Fitas

Era 25 de maio de 2024 e as duas amigas estavam na alameda da Universidade de Lisboa, a participar na bênção das fitas. Ambas estavam vestidas com roupas casuais, sem o traje académico: jeans e tops curtos, que deixavam ver os piercings no umbigo, por vezes acompanhados de correntes ou fitas a condizer com o visual. À noite ou ao fim da tarde, preferiam o mesmo estilo de blusa, mas combinado com saias curtas ou calções, dando uso ao esforço que faziam no ginásio. Nesse dia, decidiram usar as fitas penduradas no cabelo, presas com ganchos.

Ao contrário de muitos colegas, que evitavam beber álcool nesse dia, elas tinham vindo diretamente do ginásio e decidiram almoçar no Tico-Tico, um restaurante bem conhecido em Lisboa, a apenas 50 metros do apartamento dos pais de Xana. Durante o almoço, sentaram-se junto à janela, e quem passava frequentemente parava a olhar para as duas jovens, bonitas, com fitas coloridas no cabelo e pratos com dois bifes acompanhados de ovos estrelados e batatas fritas à frente.

— Hoje vamos arruinar a dieta — comenta Xana. — É só uma vez — responde Judith. — A cerimónia foi bonita, fui só para constar, mas não gosto muito de multidões e confusões.

Xana começa a tirar as fitas do cabelo, incomodada com os olhares de quem passava pela montra do restaurante.

— Vamos tirar os enfeites, para não parecermos duas árvores de Natal ambulantes — diz Judith enquanto também retira as fitas do cabelo. — Com tanto sol que apanhámos, só me apetecia tomar banho e ir a uma prova de vinhos na Tapada da Ajuda. Por isso, nada de álcool ao almoço. — Bora lá. Também posso ir? Tomamos banho aqui em minha casa, é já ali ao lado. Empresto-te roupa se quiseres. — Moras aqui perto? Que fixe! — Judith estava impressionada com a localização. — Tenho um vestido na mala, mas um banho vem mesmo a calhar.

Enquanto falavam, continuavam a apreciar a vista e a desfrutar do almoço.

— Já passei por várias Queimas das Fitas — continua Xana. — Em Évora, uma semana de cerveja, no Porto, mais uma semana de festa e em Faro, foi o mesmo com muita confusão, barulho, gente a gritar e a vomitar. Só vou para dizer que fui, mas, sinceramente, não gosto nada disso. Hoje foi a missa, foi bonito, levámos as nossas fitas...

Judith sorri e acrescenta:

— Eu fui só por ser uma missa. Na minha família, vamos a todas: cerimónias islâmicas, judaicas e cristãs. Acreditamos que Deus é um só e estamos em paz em qualquer lado. Até gostei e vou guardar as fitas abençoadas. Não acho que por terem estado no cabelo sejam menos abençoadas que as dos outros.

— Pois é, eu também vou guardar as minhas. Tenho um candeeiro lá em casa todo cheio de fitas. Tem fitas de Évora, de Faro e agora vai levar com estas. É um candeeiro/ventoinha de tecto, e, ao rodar, as fitas mexem-se, dando cor e sombra. Se girar devagar, a luz é pouca, mas cheia de cor; se for rápido, a luz é mais intensa e as fitas quase que largam pó. Assim, nunca as tenho de tirar nem lavar — diz Xana, rindo.

— És mesmo esperta — responde Judith.

O almoço termina, pagam a conta e seguem para o apartamento de Xana. Ao chegar, Judith fica impressionada com o tamanho do apartamento: cinco quartos, três deles enormes, e uma grande sala com varanda. A sala está decorada com sofás de qualidade, pinturas de inspiração asiática nas paredes e, ao canto, um móvel moderno cheio de fotos de Xana e da família. No tecto, a famosa ventoinha com fitas.

— Põe também as minhas — diz Judith, ao ver o candeeiro. — Não queres guardá-las? — pergunta Xana.

— Não. Eu até costumo queimar as minhas quando chego a casa. Assim, transformam-se em fumo e as bênçãos chegam ao céu.

Judith, então, explica que está a pensar sair do quarto que aluga em Lisboa, onde paga quase 500 euros por mês, uma quantia absurda. Planeia voltar para Amã em julho, mas gostaria de ir ao Alentejo para uma festa de aniversário a 2 de junho, onde tem um amigo que gere um monte alentejano perto de Monsaraz.

— Fazemos assim: vens viver comigo. Não pagas nada. Fazemos uma viagem ao Alentejo juntas e conhecemos o teu amigo. — propõe Xana.

— A sério? Deixas-me ficar aqui sem pagar? Posso pagar a partir de setembro, mas agora não consigo pedir mais dinheiro aos meus pais.

— Não te preocupes. Além disso, podemos arranjar trabalho no verão. Em Monsaraz, deve ser fácil encontrarmos algo para fazer.

— Está bem. Adorava ir contigo e arranjar trabalho lá! — responde Judith, entusiasmada.

Capítulo 3: Telheiro - Monsaraz

Judith mudou-se no dia seguinte, 26 de maio de 2024, para o apartamento de Xana, trazendo consigo o seu carro comercial branco, cheio de malas e sacos. Nos dias seguintes, ambas desfrutaram de paz e tranquilidade para se focarem nas suas teses, cujo prazo de entrega era a 9 de junho. Apenas aguardavam a sua defesa, prevista para setembro ou outubro.

A 2 de junho, decidiram fazer uma pausa nas teses e ir à festa de aniversário no Monte da Pega, no Telheiro, perto de Monsaraz, a convite dos donos. Chegaram por volta das 15h, depois de um almoço em Évora, onde ficaram encantadas com a cidade. A viagem de Évora até Monsaraz foi deslumbrante: olivais, amendoeiras, vinhas e montados de sobreiros e azinheiras marcaram a paisagem. Judith, que nunca tinha visto algo assim, parou várias vezes para fotografar os cachos de uva, já escuros.

A festa estava cheia de pessoas de vários países, incluindo Brasil, Argentina, México e África. Havia provas de vinhos da região e de produtos locais, enquanto no forno anexo ao monte saíam pães quentes, borrego, cabrito e peru assados. Num grelhador improvisado, sardinhas e achigãs eram assadas, acompanhadas de música ambiente vinda de DJs improvisados, que misturavam tangos argentinos, funk brasileiro e afro house.

As amigas chamaram a atenção pela sua simplicidade e aparência, num ambiente onde a maioria eram casais com filhos. Provaram vários vinhos da região e conversaram com os convidados sobre o Lago Alqueva. Souberam que as festas de Reguengos de Monsaraz começavam a 12 de junho e que a nova praia fluvial de Moura (também no lago Alqueva) seria inaugurada a 19 de junho.

Nessa noite, no terraço do primeiro andar, sozinhas com vista para as árvores e as estrelas, começaram a traçar planos para o verão.

— Podemos começar pelas festas de Santo António em Reguengos — sugeriu Xana.

— Boa ideia. Mas tu disseste que é fácil arranjar trabalho por aqui. Não quero pedir dinheiro aos meus pais para as férias — respondeu Judith.

— Se arranjares trabalho durante todo o verão, não vais à Jordânia?

— Em agosto terei de ir, mas gostaria de aproveitar junho ou julho para conhecer esta região maravilhosa. Acreditas? Sinto-me em casa aqui, como se estivesse perto do Eufrates. Em Agosto tenho de participar em reuniões sobre a paz. Sou de um comité feminino e há uma reunião importante.

— Deve ser o teu lado árabe a falar. Esta região teve uma grande presença árabe no passado. Antes da fundação de Portugal, havia uma forte influência cultural que ainda hoje se sente, especialmente na forma de produzir agricultura e na alimentação.

— Sei que sim. O meu pai diz que descendemos de árabes que viveram em Al-Andalus, no norte de Portugal. Os meus antepassados fugiram de Coimbra e Leiria para o sul, até Marvão e Córdova — partilha Judith.

As duas amigas conversaram até tarde, sentindo-se inspiradas pelo ambiente mágico e pelos planos de explorar o Alentejo nos meses seguintes.

Capítulo 4: Reguengos de Monsaraz

No dia 11 de junho, partiram cedo de Lisboa em direção a Reguengos de Monsaraz, onde chegaram por volta das 11h. Percorreram a cidade e souberam que a autarquia já tinha contratado muitas pessoas para os eventos, mas não desistiram. Dirigiram-se aos restaurantes que estavam em fase de montagem para as festas.

Ao se aproximarem do maior de todos, onde todos discutiam entre si durante a montagem do espaço, Xana decidiu intervir:

— Podemos ajudar em alguma coisa?

— Ajudar? No quê? — respondeu um homem de meia-idade, com um ar pouco simpático.

— Em tudo. Para já, podemos montar esta "máquina de fazer dinheiro", e depois ajudar a grelhar e a servir o que for preciso — disse Xana, determinada.

Judith acrescentou:

— Também somos boas a servir vinhos.

O proprietário, transpirando como se fosse uma máquina a vapor, passou a mão pela testa e disse:

— Minhas amigas, faltou quase toda a gente. Hoje ninguém quer trabalhar. Se querem mesmo ajudar, são bem-vindas. Mas parecem mais raparigas para um bar do que para uma feira. Com essa beleza e charme, vão sair daqui mais piropos do que frangos assados.

— Somos boas a assar frangos e não se preocupe com os piropos — respondeu Xana. — Vivemos bem com isso e rapidamente os transformamos em frangos vendidos.

Judith sorriu e acrescentou:

— Ou em vinhos servidos.

— Vamos acrescentar vendas às vendas. Não se preocupe.

— Está bem. Dez euros à hora, hoje, agora, na feira das 19h às 24h. Começam já — afirmou o homem, agora mais convicto.

Com o financiamento assegurado para os próximos dias, as amigas montaram cadeiras, mesas, lavaram e esfregaram tudo. No final do dia, cada uma recebeu 50€.

Depois de terminarem, decidiram dar uma volta por Reguengos à procura de um lugar para dormir. Não havia parques de campismo por perto, mas ao passarem pelas piscinas municipais, acharam que seria uma boa ideia voltar no dia seguinte para se refrescarem.

— E se formos ver o pôr-do-sol no Centro Náutico de Monsaraz? — sugeriu Judith.

— Boa ideia! E podemos levar um vinho branco frutado. Quando estivemos no Monte da Pega há duas semanas, não chegámos a ir à praia nem ao Centro Náutico — acrescentou Xana.

Seguiram então caminho para a praia de Monsaraz. Ao chegarem ao parque de estacionamento, ficaram maravilhadas com o cenário: o azul do lago recortado pelas encostas douradas e o verde das árvores. Decidiram que iriam dormir ali, junto ao lago, entre as caravanas estacionadas.

Foram até à praia, nadaram no lago e depois tomaram banho nos chuveiros disponíveis. Sentindo-se renovadas, mudaram de roupa e instalaram-se no restaurante da praia, onde foram recebidas por Tiago, o proprietário, um homem alto e atraente.

— As senhoras pretendem jantar ou tomar algo? — perguntou ele, com um sorriso.

— Podemos jantar até que horas? — perguntou Judith.

— A cozinha fecha às 22h, mas as bebidas podem ser servidas até mais tarde — respondeu Tiago.

Pediram uma garrafa de vinho branco de Reguengos, acompanhada por lagostins desse lago e caracóis das redondezas. Aproveitaram o restante do pôr-do-sol e o início da noite para relaxar e apreciar o ambiente único da praia.

Pelas 22h30, Tiago voltou para perguntar se precisavam de mais alguma coisa antes de fechar. Depois de pagarem a conta, perguntaram se poderiam acampar ali, e Tiago, com um sorriso, disse que não haveria problema.

No dia seguinte, 12 de junho, as amigas passaram a manhã nas piscinas municipais de Reguengos, aproveitando o sol e o ambiente tranquilo. Às 17h, arranjaram-se para uma

noite de trabalho nas festas de Santo António. Optaram por um visual mais formal, com jeans e camisas de botões, que podiam ajustar ao longo da noite, dependendo do calor. Decidiram ir as duas com roupas semelhantes para fazerem equipa.

Quando chegaram ao restaurante, o dono, ainda suado e a trabalhar na grelha, saudou-as com um gesto rápido e indicou-lhes as mesas que deveriam servir. O calor da grelha, somado ao das sardinhas e dos frangos assados, criava uma atmosfera quente e pesada, mas as amigas mantinham a energia e o profissionalismo.

O proprietário tinha as suas dúvidas no início, mas rapidamente ficou impressionado com a eficácia das duas. Judith, com os seus conhecimentos de vinhos, atraía a atenção dos clientes e explicava as castas da região, deixando-os fascinados. Xana tratava da comida, sempre eficiente, e as duas coordenavam-se de forma exemplar, evitando esperas e mantendo os clientes satisfeitos.

Depois de uma noite intensa, ganharam mais 50€ cada uma e, ao final, estavam prontas para descansar. Jantaram no restaurante, sentadas num canto mais calmo, enquanto os sons das festas de Santo António começavam a intensificar-se, com as marchas populares a desfilar pelas ruas. Embora cansadas, estavam satisfeitas com o trabalho e já tinham planos para o dia seguinte.

Foram dormir num local próximo das piscinas, montando a tenda ao lado do carro, numa área mais lisa do que na noite anterior. No dia seguinte, repetiram o esquema: manhã nas piscinas e tarde nas festas, trabalhando e aprendendo mais sobre os vinhos da região.

Nos dias 14, 15 e 16 de junho, participaram em provas de vinhos organizadas pelos donos de adegas da região, convidados pelo proprietário do restaurante. Judith foi entrevistada por alguns deles e surpreendeu todos com o seu vasto conhecimento. As amigas tornaram-se rapidamente o centro das atenções, não só pelo seu profissionalismo, mas também pelo charme com que conduziam as suas tarefas.

Capítulo 5: Amieira

No final das festas, as amigas sentiram que tinham atingido os seus objetivos. Tinham trabalhado duro, conhecido pessoas interessantes e, mais importante, garantido dinheiro suficiente para um verão sem grandes preocupações financeiras.

Na segunda-feira, 17 de junho, decidiram visitar a Amieira, uma aldeia encantadora no Alentejo, situada entre a praia fluvial e o Centro Náutico. Passaram o dia a relaxar na praia fluvial, onde almoçaram no bar local, e à tarde seguiram para o Centro Náutico, onde tinham sido convidadas por um produtor de vinhos que haviam conhecido em Reguengos para mais uma prova.

Acamparam à noite na praia, entre as caravanas de outros veraneantes, e juntaram-se à comunidade para partilhar refeições. Havia quem trouxesse guitarras, uns estudantes de Coimbra que entoavam fados suaves ao som de violas e guitarras. Foi uma experiência única para as amigas, que sentiram o espírito de partilha e camaradagem naquela noite, enquanto o som das cigarras e dos grilos se misturava com a música.

Durante a noite, os estudantes convidaram-nas para preparar uma grande sangria com frutas, sumos e bebidas gaseificadas, numa enorme panela com muito gelo. O restaurante da praia ofereceu gelo para a sangria, e o resultado foi uma noite de convívio tranquilo e relaxante. Os estudantes, entre risos, mostraram às amigas um pergaminho antigo em árabe, que disseram ter "desviado" da biblioteca da Universidade de Coimbra. Segundo eles, o pergaminho era uma espécie de receita antiga para a preparação de uma "bebida eterna". Judith, sempre curiosa com tudo relacionado à cultura árabe, aceitou o pergaminho como presente, mas achou uma loucura o que os estudantes faziam com ele.

Na manhã seguinte, acordaram ligeiramente cansadas, provavelmente devido à sangria da noite anterior. Despediram-se dos estudantes que ainda estavam acordados e dirigiram-se ao Centro Náutico da Amieira para tomar um pequeno-almoço completo.

Capítulo 6: Amieira/Alqueva/Moura

No dia 18 de junho, decidiram alugar um barco-casa por duas noites, algo que tinham ouvido falar no Centro Náutico da Amieira. Partiram em direção ao paredão da barragem de Alqueva, explorando a tranquilidade do maior lago artificial da Europa. Atracaram o barco ao largo da praia de Alqueva, mais pequena do que as outras praias que tinham conhecido, mas com uma beleza singular.

Já ao entardecer, dirigiram-se ao bar no topo da praia, onde desfrutaram de um copo de vinho com vista para toda a enseada. Quando o bar fechou, atracaram o barco para a noite e decidiram explorar a praia a pé. A proximidade da pequena aldeia de Alqueva era evidente, e os sinos da igreja ao longe reforçavam o ambiente tranquilo da região. Decidiram caminhar até à aldeia, onde encontraram um café ainda aberto, onde jantaram umas bifanas e carregaram os telemóveis.

Regressaram ao barco com as luzes do entardecer ainda no céu, e passaram o resto da noite nas espreguiçadeiras, deitadas no convés do barco, a observar as estrelas. O silêncio absoluto, interrompido apenas pelo som suave das águas do lago e da natureza ao redor, foi o cenário perfeito para uma noite de sono tranquilo.

Na manhã de 19 de junho, acordaram revigoradas com o som dos primeiros veraneantes a chegar à praia. Alguns até se aproximaram do barco para observar mais de perto. Decidiram partir em direção à nova praia fluvial de Moura, inaugurada naquele mesmo dia. Navegaram

paralelamente à costa, seguindo as indicações do software do barco, até chegarem a uma enseada com uma pequena estrutura de ancoragem.

— Parece que estamos no lugar certo — comentou Judith, enquanto preparavam o barco para ancorar ao largo.

Foram até à margem a nado e, ao chegarem à praia, perceberam que estava prestes a começar a inauguração da praia, com estruturas de som a serem montadas e muitos preparativos em andamento.

— Acho que isto vai ser uma daquelas inaugurações sem a obra totalmente pronta — disse Xana, rindo, e vendo no final do pontão que divide a praia do cais de atracagem uns contentores/restaurante inacabados.

— Mas há muita gente importante aqui — notou Judith, ao ver as personalidades a chegarem à praia. Uns bem apessoados de fatinho janotas. Pela cara apalermada devem ser políticos.

As amigas foram convidadas a tirar fotos com os políticos locais, de biquíni, enquanto eles posavam de fato e gravata. Embora relutantes no início, acabaram por aceitar o convite, mas assim que puderam, regressaram rapidamente ao barco. Decidiram não voltar à praia e seguiram viagem em direção ao norte do lago, explorando pequenas ilhas que tinham avistado anteriormente.

Uma dessas ilhas, isolada e coberta de vegetação, chamou-lhes a atenção. Decidiram parar ali para fazer um pequeno piquenique. Foi ali que Judith teve uma ideia divertida: pegar no pergaminho que os estudantes de Coimbra lhe tinham dado e escondê-lo numa garrafa de vidro vedada, enterrando-o na areia da ilha como se fosse um "tesouro".

— Quem sabe, um dia, venhamos cá desenterrar isto — disse Judith, rindo enquanto enterrava a garrafa.

No fim do dia 19 de junho, as amigas regressaram ao Centro Náutico da Amieira, onde deixaram o barco ancorado. Depois de uma longa jornada explorando o lago e as ilhas, estavam cansadas, mas felizes. Naquela noite, jantaram no bar da marina, aproveitando as últimas horas do dia com uma vista relaxante sobre o lago.

Capítulo 7: Regresso a Monsaraz

Na manhã seguinte, 20 de junho, voltaram à praia de Monsaraz. Ao chegarem, sentiram uma estranha sensação de familiaridade e magia. A praia estava calma, com poucas pessoas, e elas decidiram passar o dia a nadar e a descansar na relva. À noite, montaram a tenda junto ao carro, como haviam feito da primeira vez.

Durante o jantar, um pequeno javali apareceu ao longe, seguido por uma raposa e a sua cria. O cenário era surreal, e os animais não representavam perigo. Como já era habitual, os turistas e os restaurantes da praia deram-lhes comida, e as amigas observaram em silêncio a cena, encantadas.

Nessa noite, ambas tiveram o mesmo sonho. Sonharam que estavam numa antiga anta, rodeadas de oliveiras, sob um céu estrelado. No dia seguinte, partilharam os sonhos e, curiosas, pesquisaram na internet sobre antas na região. Para sua surpresa, descobriram que a imagem que tinham visto em sonhos era semelhante à Anta 2 do Olival da Pega, uma estrutura megalítica perto de onde tinham estado na festa no início do mês de junho.

— E se formos até lá? — sugeriu Judith, ainda intrigada pelo sonho partilhado.

— Claro! Vamos meter as mochilas às costas, com a tenda, e descobrir esse lugar misterioso — respondeu Xana, entusiasmada.

Capítulo 8: Magias de Monsaraz

No dia 21 de junho, as amigas decidiram partir em direção à Anta 2 do Olival da Pega, carregando apenas o essencial nas mochilas. O caminho até lá foi uma verdadeira aventura. Chegaram ao Cromeleque do Xerez, um complexo megalítico que tinha sido transferido de outra área inundada pela barragem, chegaram finalmente ao local. Este Cromeleque é constituído por 50 menires de granito, de forma fálica, que medem entre 1,20 e 1,50m, datado de inícios do 4º e meados do 3º milénio a.C. Ao lado havia o Convento da Orada, onde junto a uma cruz de pedra, se diz que acampou D. Nuno Álvares Pereira, para defender Monsaraz. Passaram a ponte Romana, sobre a Ribeira da Pega, e viraram para a esquerda, onde encontraram o Menir da Bulhoa, uma imponente pedra fálica de granito com 4 metros de altura, datada de 3200 a.C., que dominava a paisagem. Tinha raios de sol e um báculo gravados. As amigas sentiram que estavam a caminhar por uma terra de histórias antigas e segredos ancestrais. Pensavam que por aquelas terras do Olival da Pega se produzia, de certo, comida para as tropas de D. Nuno Álvares Pereira. Legumes, vegetais, frutas e animais. Era muita gente, e não podia comer pedras.

Passaram pela Aldeia do Outeiro onde compraram água na mercearia do largo da igreja. De seguida, em mais 40 minutos de bom andar, chegaram ao Menir do Outeiro, estrutura fálica do género do Menir da Bulhoa, mas mais alto, com mais de 5m e sem inscrições na pedra. Já cheias de fome, andaram um pouco e na aldeia da Barrada, que era perto, almoçaram no restaurante Bizaca, e por desconhecimento pediram duas doses, uma para cada uma. Já passava bastante das 15h, mas ainda assim foram servidas. Levaram em “take-away” para o jantar o que sobrou, que era mais de metade de cada dose. O vinho servido, o “especial”, segundo a filha do proprietário, desse não deixaram sobrar pinga.

Continuaram até à Anta 2 do Olival da Pega, tentando fazer um corta-mato, para não dar a volta e ir quase até à estrada municipal, alcatroada. Assim, seguiram pela rua de Monsaraz, até uma via que no mapa do google se chamava "horta dos revoredos", sendo que quando a atingiram pularam cercas e arames, pedras e muros empedrados, diretas para sul, atingindo uma clareira, que, pensavam elas, já devia ser perto da Anta 2. Chegaram exaustas ao final da tarde. Decidiram montar a tenda nessa clareira, ao lado de um poço antigo, com nora e tanque, para descansarem e aí passarem a noite. À medida que as primeiras estrelas começavam a brilhar no céu, as amigas preparavam-se para uma noite ao ar livre, comeram os restos do almoço e beberam água daquele poço quando de repente, às 22h07 um vulto surgiu na escuridão.

— Olá — disse o vulto, com uma voz suave.

— Olá — respondeu Xana, um pouco assustada. — Desculpa, estamos a invadir a propriedade de alguém?

— Não estão a invadir nada. Pelo contrário, são bem-vindas. Judith, como estás? — disse a figura, dirigindo-se diretamente a Judith, que ficou ainda mais assustada.

— Quem és tu? — perguntou Judith, tentando manter a calma.

— Não te assustes. Sou um dos teus antepassados. Sabes, a tua família está ligada a este lugar há séculos. Havia uma antiga estrada que ligava os castelos: Castro Marim, Mértola, Serpa, Moura, Mourão, Monsaraz...depois Terena, Alandroal, Alegrete até Marvão. É uma estrada de guerreiros e comerciantes. Este é o único local onde conseguimos permanecer através dos tempos, depois de muitas batalhas e expulsões. E vocês foram escolhidas para nos ajudar — revelou o vulto - passaram na ponte romana sobre a ribeira da Pega nessa estrada. Todos os anos aparecemos aqui a esta hora e minuto, a do solstício de verão.

Judith, perplexa, deu um passo em frente e perguntou:

— Ajudar? Como assim?

— A tua família tem uma longa tradição na produção de vinho, não é verdade? — continuou o vulto. — O segredo desse vinho está num pergaminho antigo que vos foi dado recentemente. Esse mesmo pergaminho que os estudantes de Coimbra vos entregaram.

— O pergaminho? Mas isso foi só uma brincadeira deles... — disse Judith, confusa.

— Não, Judith. Aquele pergaminho contém um segredo antigo. Fala sobre o "Vinho da Eternidade", uma receita que os teus antepassados conheciam. Esse vinho tem o poder de unir povos e trazer paz. Mas há uma condição: só podem desenterrar o pergaminho na próxima Lua de Morango, durante o dia, em junho do próximo ano, e devem trazê-lo a este local antes dessa lua desaparecer no horizonte — explicou o vulto.

Xana, que até então estava em silêncio, finalmente encontrou coragem para falar:

— E o que acontecerá se fizermos isso?

— O vinho será o meio para trazer paz ao Médio Oriente. Já não estamos a tempo de evitar alguns conflitos, mas podemos ainda evitar outros maiores. Façam isso e a paz será possível. Em menos de dois meses vão rebentar equipamentos na cara e barriga de pessoas no Líbano, mas aqui, na capital do vinho, no próximo ano, nesta Lua, será fermentada uma solução — disse o vulto antes de desaparecer na escuridão.

No dia Seguinte as amigas acordaram fora da tenda, vestidas.

— Será que aquilo foi real? — perguntou Judith, ainda a tentar processar o que tinha acontecido na noite anterior.

— Acho que sim. Não consigo parar de pensar nisso — respondeu Xana, enquanto iniciava o arrumar os sacos de dormir e arrumava a tenda.

Capítulo 9: Preparação para o Futuro

As semanas seguintes passaram num ritmo mais calmo. A vida das duas amigas voltou ao normal, focando-se nas suas teses e nos planos para o futuro. No entanto, a lembrança da noite no Olival da Pega e a missão que lhes tinha sido dada não saía da cabeça de nenhuma delas.

Judith, que tinha regressado temporariamente à Jordânia para ajudar a sua família na vinha, não parava de refletir sobre o impacto que aquele vinho poderia ter. A ideia de um "vinho da paz", capaz de unir povos, parecia utópica, mas o vulto tinha sido claro nas suas palavras. Tudo o que ela precisava fazer era cumprir o que fora pedido: desenterrar o pergaminho na Lua de Morango do ano seguinte e trazê-lo de volta ao Olival da Pega.

Já Xana, que foi ver a família a Macau e os negócios à Malásia e Singapura, ocupada com os seus estudos e trabalhos de consultoria, continuava a pensar na viagem que iriam fazer de volta ao Alentejo. A magia da região, a cultura, o vinho e a sua ligação com a história antiga mantinham-na cativada.

Epílogo: O Concurso

As amigas souberam do concurso de contos a que este conto concorre. Escreveram este conto com esperança de assim financiarem a viagem para a próxima Lua de Morango de 2025. “Voucher” para jantar e dormir a 21 de Junho 2024, para o passeio de barco dia seguinte (22), duas pessoas, para ir buscar o tesouro e levar à clareira à noite. Fim.

Notas:

Lua de Morango, de Lótus, do Cavalo, Milho Verde :
<https://starwalk.space/pt/news/full-moon-june>